

MOVIMENTOS SOCIAIS DE MIGRANTES E CIDADANIA TRANSNACIONAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ETNOGRÁFICAS

MIGRANT SOCIAL MOVEMENTS AND TRANSNATIONAL CITIZENSHIP: SOME
ETHNOGRAPHIC CONSIDERATIONS

MOVIMIENTOS SOCIALES MIGRANTES Y CIUDADANÍA TRANSNACIONAL:
ALGUNAS CONSIDERACIONES ETNOGRÁFICAS

Paulo Sérgio da Costa Neves¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4343

Recibido: 26/12/2025 | Aceptado: 19/01/2026 | Publicación en línea: 26/01/2026.

RESUMO

A partir de observações etnográficas realizadas durante o I Encontro dos Migrantes Latino-americanos, realizado na cidade de Morelia, no México, em 2007 e, também, de observações sobre a trajetória migratória do autor, busca-se refletir sobre os dilemas que o fenômeno das migrações internacionais traz para o modo como a cidadania é percebida na atualidade. Argumenta-se que as reivindicações dos movimentos sociais de migrantes colocam desafios para os Estados nacionais, construídos ao longo da história moderna em torno da noção de soberania e controle territorial. O que explica, talvez, as resistências de muitos atores aos fluxos migratórios, bem como a dimensão política que os discursos xenófobos têm alcançado na contemporaneidade. Assim, embora tenha uma clara intenção de discutir os debates que o fenômeno migratório incita nas sociedades em escala global, com especial atenção ao imaginário brasileiro sobre o tema, o texto não esgota todas as dimensões do fenômeno migratório, uma vez que é fruto de uma reflexão que se embasa em metodologias qualitativas.

Palavras-chave: Migrações. Cidadania Transnacional. Movimentos Sociais de Migrantes. Estados Nacionais. Migrantes Latino-americanos.

ABSTRACT

Based on ethnographic observations conducted during the First Meeting of Latin American Migrants, held in the city of Morelia, Mexico, in 2007, as well as on observations of the author's own migratory trajectory, this text seeks to reflect on the dilemmas that the phenomenon of international migration poses for the ways in which citizenship is perceived today. It is argued that the claims put forward by migrant social movements challenge nation-states, which were historically constructed during the modern era around the notions of sovereignty and territorial control. This perhaps helps explain the resistance of many actors to migratory flows, as well as the political dimension that xenophobic discourses have attained in contemporary times. Thus, although the text clearly aims to discuss the debates sparked by the migratory phenomenon in societies on a global scale, with special attention to the Brazilian imaginary on the subject, it does

¹ Doutor em Sociologia e Ciências Sociais pela Université Lumière Lyon2, França.
E-mail: paulo.neves@ufabc.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5489-6429>

not exhaust all dimensions of the migratory phenomenon, since it is the result of a reflection grounded in qualitative methodologies.

Keywords: Migration. Transnational Citizenship. Migrant Social Movements. Nation-States. Latin American Migrants.

RESUMEN

A partir de observaciones etnográficas realizadas durante el I Encuentro de Migrantes Latinoamericanos, celebrado en la ciudad de Morelia, México, en 2007, así como de observaciones sobre la trayectoria migratoria del autor, se busca reflexionar sobre los dilemas que el fenómeno de las migraciones internacionales plantea para la forma en que la ciudadanía es percibida en la actualidad. Se argumenta que las reivindicaciones de los movimientos sociales de migrantes plantean desafíos a los Estados nacionales, contruidos históricamente a lo largo de la era moderna en torno a la noción de soberanía y control territorial. Esto explica, quizás, las resistencias de muchos actores frente a los flujos migratorios, así como la dimensión política que han alcanzado los discursos xenófobos en la contemporaneidad. Así, aunque el texto tiene una clara intención de debatir las discusiones que el fenómeno migratorio suscita en las sociedades a escala global, con especial atención al imaginario brasileño sobre el tema, no agota todas las dimensiones del fenómeno migratorio, ya que es fruto de una reflexión basada en metodologías cualitativas.

Palabras clave: Migración. Ciudadanía Transnacional. Movimientos Sociales Migrantes. Estados-nación. Migrantes Latinoamericanos.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Apresentarei nesse texto algumas reflexões a partir de minhas observações etnográficas de duas situações distintas. A primeira delas foi o I Encontro de Comunidades Migrantes Latino-americanas, em maio de 2007, na cidade de Morélia, México. A segunda foi minha vivência biográfica na condição de migrante na França entre 1991 e 1997. O fio condutor desse relato será, contudo, os debates ocorridos no Encontro de Morélia, o qual sintetiza muitas das discussões que ainda hoje marcam os debates sobre migrações em nossas sociedades.

Antes de tecer comentários acerca do evento, cumpre especificar o contexto no qual se deu a minha participação no mesmo.

Fui convidado para participar desse evento por conta de uma dupla característica biográfica. Em primeiro lugar, por ter sido um imigrante brasileiro na França no início dos anos

1990, uma amiga que participava do comitê organizador considerou que meu depoimento poderia ser interessante para dar conta de como alguns migrantes brasileiros se sentiam nessa época na Europa. Como se sabe, o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 foram marcados por um intenso movimento de emigração no país, por conta da grave crise econômica. Isso deu início a um fenômeno relativamente novo na história brasileira, a saber a emigração de membros da classe média para países da Europa, Estados Unidos e Japão.

De todo modo, o convite que me foi feito era visto como uma forma de dar visibilidade à experiência migratória de brasileiros, que estava pouco representada entre os participantes do encontro. Na verdade, a única entidade brasileira que estava participando do evento era um órgão da Igreja Católica que atendia imigrantes em situação de risco no estado de São Paulo (A Pastoral da Migração). Não havia, portanto, organizações de migrantes brasileiros representada, o que pode ser interpretado tanto pelo fato do encontro ter sido organizado por entidades representativas de migrantes hispânicos nos EUA, o que vai se traduzir na maior visibilidade da questão deste grupo nos debates, quanto pelo fato de os imigrantes brasileiros no exterior não terem uma organização muito forte nessa época.

Em segundo lugar, o convite se deu também por eu ser um cientista social, portanto, pretensamente com algum grau de reflexividade sobre minha experiência migratória. Isso, tanto possibilitaria uma troca de impressões com outros migrantes e pesquisadores da área presentes no encontro, como poderia resultar em textos e artigos sobre o evento no futuro. Havia, pois, também uma preocupação em dar visibilidade ao evento e às preocupações que aí se exprimiam.

Além disso, como, durante minha estadia no exterior, houvera atuado politicamente em uma célula de expatriados do Partido dos Trabalhadores, os organizadores do evento consideravam oportuna essa discussão no contexto mexicano, onde o debate público acerca da participação dos eleitores que moravam no exterior era muito forte (o que se explica pelo peso demográfico dos migrantes mexicanos, sobretudo nos Estados Unidos).

Assim, o relato que se segue, embora tenha uma clara intenção de discutir os dilemas que o fenômeno migratório coloca para as sociedades contemporâneas, sobretudo no que diz respeito ao imaginário brasileiro sobre o tema, é fruto de uma reflexão que se embasa na imersão etnográfica em um encontro internacional de migrantes, enriquecida com reminiscências autobiográficas de um pesquisador ex-migrante.

OS MIGRANTES NA CENA POLÍTICA INTERNACIONAL

Aconteceu em Morelia, México, entre os dias 10 e 13 de maio de 2007, um evento de singular importância, que expressa a centralidade de um fenômeno social de grandes proporções e que talvez esteja prenunciando o surgimento de um novo ator social na esfera internacional. Trata-se da I Cumbre de los Migrantes Latino-americanos (I Encontro dos Migrantes Latino-americanos), que congregou cerca de mil representantes de organizações de migrantes de vários países (latino-americanos em sua grande maioria, mas também africanos e europeus como convidados) e que demonstra a intenção dos migrantes de interferir no debate internacional sobre a migração. Este texto, construído a partir da observação direta desse Encontro, visa refletir sobre o impacto do fenômeno da migração sobre nossas concepções de Estado-Nação e de cidadania.

Para isso, pretendemos descrever brevemente as discussões mais importantes durante o evento, as decisões tomadas, bem como os conflitos e as visões diferenciadas entre os migrantes. Pretendemos também refletir sobre o modo como a questão migratória se apresenta no Brasil contemporâneo, sobretudo com relação ao fato de que ele se tornou um país de emigração nas últimas década, mudando a vis”ao tradicional de um país de imigração maciça.

Esperamos com tudo isso poder discutir sobre as potencialidades e as tensões que perpassam esse processo de constituição de um ator social internacional oriundo das dinâmicas postas em marcha pelos fóruns sociais mundiais e que põe em cheque a forma como a política foi tradicionalmente pensada no ocidente.

Antes porém, convém que nos alonguemos um pouco sobre o significado do fenômeno migratório nas sociedades contemporâneas, sobre seu significado político e também teórico. Afinal, a figura do estrangeiro ocupa um lugar importante no imaginário da modernidade. Se seguirmos as impressões do socioólogo alemão do início do século XX Georg Simmel (2006), o estrangeiro é mesmo a figura emblemática da alteridade nas sociedades modernas até o início do século XX, quando não apenas as grandes metrópoles tornaram-se mais frequentes, como também os principais países do mundo empenhavam-se em criar identidade nacionais.

Isso é ainda mais forte na época atual, pois poucos são os países que não convivem com o fenômeno da migração internacional: seja através da recepção de migrantes ou da emigração. De acordo com estatísticas recentes, calcula-se que cerca de 281 milhões de pessoas vivem fora de seus países de origem.

Nessas circunstâncias, a figura do estrangeiro deixou de ser a figura longínqua do outro, o

foco central da alteridade nas sociedades, para se tornar um outro que é, ao mesmo tempo, o não-outro, aquele que embora diferente faz parte da paisagem quotidiana. Ou seja, o estrangeiro torna-se próximo, não só ao nível físico nas sociedades receptoras de imigrantes, como também ao nível simbólico nas sociedades de origem.

Não à toa as discussões sobre a migração estão se tornando importantes nos debates políticos de diversos países. Elas foram temas presentes nas recentes eleições francesas, inglesas e alemãs, com o crescimento da direita xenófoba que pretende levar a cabo políticas que possam frear as vagas migratórias vindas dos países do sul; elas foram também importantes no processo que levou Donald Trump à presidência dos EUA, sobretudo no seu desejo de construção de um muro na fronteira sul do país como forma de dar uma resposta à pressão para por fim ao fluxo migratório dos latino-americanos. Essa mesma tendência pode também ser identificado na popularidade dos partidos de extrema-direita em países como Áustria, Holanda, França, Alemanha, etc. E, mesmo no Brasil, essa xenofobia aparece em discursos sobre a migração haitiana dos últimos anos ou sobre os cubanos que participaram do Programa Médicos sem Fronteiras.

Nesse sentido, podemos perceber ao menos duas conseqüências dos processos migratórios. Nos países de emigração, dado o volume das remessas de recursos financeiros enviados pelos migrantes, estes tornaram-se atores importantes, seja através de políticas de parcerias de organizações de expatriados com os governos dos países de origem, seja pela participação em eleições, etc. O que explicaria a pressão política e a preocupação desses países com relação ao aumento da xenofobia ao nível internacional.

Já nos países receptores dos fluxos migratórios, ao contrário, há a identificação da migração internacional com os problemas econômicos (sobretudo o desemprego) e sociais (a violência e a criminalidade), o que tem dado muita popularidade aos partidos que usam o discurso xenófobo como plataforma eleitoral.

Ou seja, enquanto que para os primeiros a migração é vista por alguns como uma solução (o que se traduz na postura irônica de muitos mexicanos que vêm no atual fluxo migratório em direção aos Estados Unidos, um processo de “reconquista”), sobretudo pelo impacto econômico das remessas, para os segundos países a migração tende a ser vista na opinião pública como a fonte de todos os problemas sócios-econômicos e culturais (o que tem gerado reações de pânico inclusive em meios intelectualizados, como se pode perceber nas posturas defendidas por intelectuais como Samuel Huntington, o qual cunhou a expressão guerra de civilizações para falar

das tensões culturais e políticas oriundas de uma situação multicultural nos principais países ocidentais.

Uma outra consequência do peso dos processos migratórios tem sido as tentativas de organização dos migrantes ao nível internacional, a exemplo do Encontro de Morélia e da realização de Fóruns Sociais Mundiais das Migrações (cuja sétima edição ocorreu em São Paulo, em julho de 2016).

Percebe-se aí uma intenção de certos grupos de dar expressão comum às várias experiências de imigração que caracterizam diferentes países no mundo. A aposta é passar das identidades próprias a cada comunidade migrante (mexicanos nos EUA, turcos na Alemanha, algerianos na França, etc.) para uma identidade que congregue todos esses grupos em torno da experiência migrante. Podem demandas por reconhecimento (Honneth, 2003) gerar formas de inter-reconhecimento para além dos grupos comunitários? Eis o desafio dos militantes migrantes que tentam criar formas de solidariedade inter-migrantes, tanto ao nível de cada país (unindo os migrantes que vieram de diferentes partes do mundo), como ao nível internacional (criando mecanismos de pressão junto a órgãos multilaterais, como a ONU por exemplo, Fresia, 2013).

Além disso, o fenômeno migratório na contemporaneidade pode ser pensado como uma das consequências não desejadas da globalização, o que estaria gerando um processo de cosmopolitização das sociedades contemporâneas (Appiah, 2007; Benhabib, 2006; Held, 2010). Nessa perspectiva, as fronteiras nacionais tenderiam a ser apagadas pelas pressões dos migrantes. Isso, malgrado as políticas repressivas desses mesmos estados.

Para muitos, o nível de entrelaçamento econômico, cultural e político dos principais países em escala mundial estaria levando a uma revolução nos modos como os atores sociais se relacionam em diversas escalas (1999). Isto estaria também levando à perda de influência e de poder dos Estados nacionais (Habermas, 2001; Lipshutz, 2005), dando espaço para a criação e fortalecimento de estruturas supra-nacionais que estariam ditando normas e leis para conjuntos variados de populações nacionais. Ou, para usarmos a expressão de Muller (2013), tratar-se-ia de um tipo de “governança sem autoridade soberana”. Para outros, (Appiah, 2006; Benhabib, 2006) estaríamos prestes a realizar o sonho Kantiano de uma sociedade mundial cosmopolita, em que o fim das guerras fosse possível.

De todo modo, o caso recente dos refugiados sírios na Europa além do crescimento das populações imigrantes em diversos países mostram-nos que o fenômeno migratório está longe de ser solucionado por medidas repressoras e de controle das fronteiras, como sonham alguns

governantes...

ALGUMAS IMPRESSÕES SOBRE O ENCONTRO

Como dissemos, o evento transcorreu ao longo de 4 dias na cidade de Morélia, no México, e reuniu cerca de mil representantes de mais de 80 organizações de migrantes de vários países latino-americanos (com alguns observadores de organizações de migrantes de outras partes do mundo, tais como africanos na Europa). Dentre as entidades que estiveram à frente da organização do evento, destacam-se as seguintes: a) Alianza Nacional de Comunidades Caribeñas y Latinoamericanas (NALACC); b) Asociación Hispano Ecuatoriana Rumiñahui; c) Centro de Recursos Centroamericanos; d) Centro de Recursos Centroamericanos de Los Ángeles; e) Coordinación General para la Atención al Migrante Michoacano; f) Fundação Ford; g) Novib Oxfam; h) Red de la Acción Fronteriza e h) o Governo do Estado de Michoacán- México.

Segundo um dos principais mentores do evento, Oscar Chacón, da NALACC:

“la idea de la Cumbre nació en Porto Alegre durante el Foro Social Mundial, cuando se realizó el primer Foro Social Mundial de las Migraciones. Las leyes de migración son injustas y obsoletas en los países de destino, origen y tránsito. Vemos a los migrantes como agentes de cambio en los países de origen y de destino y como semillas de desarrollo de la democracia. Muchas veces somos tratados de forma injusta y como amenazas; reivindicamos los derechos y un trato humano para todos los migrantes”. In: <https://www.alainet.org/en/node/121038> (acesso em 20/11/2017).

Como se vê, o encontro se enquadrava dentro da lógica dos eventos que, como os Fóruns Sociais Mundiais, congregava militantes de diversas partes do mundo para organizar ações coletivas ao nível global. O objetivo maior, nas palavras de diversos líderes, era o de transformar os migrantes em atores coletivos de peso nesse cenário, engajando líderes governamentais e sensibilizando a opinião pública para os principais problemas que afligem os migrantes latinoamericanos.

Independentemente do fato de que a organização política dos migrantes ainda hoje esteja muito restrita a alguns grupos mais politizados e que participam dos Fóruns Mundiais, creio que uma análise das principais tensões durante o evento pode nos ajudar a entender algumas das dificuldades que atravessam as pretensões internacionalistas de alguns militantes migrantes.

Em conversas com vários dos participantes, pude perceber que havia um certo sentimento de que o evento foi mais um evento sobre os mexicanos nos EUA do que sobre os processos

migratórios dos latinoamericanos. Isso ficou patente no número de convidados mexicanos e, em menor escala, centro-americanos, e nas principais temáticas discutidas. Com isso, problemas específicos de outros grupos migrantes (latinoamericanos na Europa e em outros países da América Latina, brasileiros ou mesmo mexicanos em países diferentes dos Estados Unidos, como no Canadá, foram pouco abordados, quando não silenciados por completo.

Além disso, para alguns dos meus interlocutores, percebeu-se muito claramente uma vertente muito forte de se priorizar os relatos de experiências pontuais de grupos diversos, o que por vezes significava um diálogo de surdos, cada grupo mais preocupado em desenvolver discursos legitimadores de suas próprias identidades que em procurar descobrir meios de tecer elos entre as experiências.

Embora alguns desses interlocutores admitissem que essa era uma estratégia para dar prioridade às ações concretas diretamente ligadas às experiências da base (inclusive isso apareceu nos discursos de alguns dos representantes de associações presentes), eles criticavam a falta de discursos mais politizados que pudessem construir pontes entre os diversos grupos migrantes do continente.

Nos discursos públicos dos organizadores do evento, contudo, a prioridade para relatos de experiências era vista, antes de mais nada, como uma forma de dar uma referência concreta aos pleitos trazidos pelos militantes das diversas associações. Nessa perspectiva, sem uma ação pela base nada poderia ser feito apenas pela cúpula. Com isso, queria-se evitar os discursos ideológicos elitistas e vanguardistas, onde a prioridade da ação se dá ao nível dos acordos políticos entre dirigentes.

Nessa perspectiva, essa seria também uma estratégia para favorecer a formação de redes, possibilitando que os militantes conhecessem-se uns aos outros e, assim, criassem conexões e contatos que pudessem se manter para além do Encontro. Havia aqui a clara intenção de criar ações com influências para além das fronteiras comunitárias de cada grupo de migrantes, em geral estruturados em torno de origens nacionais.

Quanto a isso, ainda, há que se levar em conta a dificuldade que os próprios líderes de associações de migrantes reconhecem em se trabalhar com outras minorias, principalmente os negros nos EUA. Para eles, essa dificuldade tem a ver com a própria lógica comunitarista que caracteriza esse país e com o fato de que o uso de uma identidade tão geral como migrante não cumpre o papel de equivalente simbólico necessário para a realização de alianças entre grupos com histórias e tradições diferentes.

O que esse debate parece nos mostrar é que a vontade política manifestada por atores diferentes de construir um ator político capaz de intervir nas decisões dos Estados nacionais, seja através da ONU, seja através da participação política nos países de acolhimento, não parece ser tão exequível como os discursos oficiais deixavam crer. Um desafio para essa estratégia será certamente como fazer para que as reivindicações particularistas dos migrantes não impeçam a construção de alianças entre grupos ampliados de migrantes ou grupos minoritários em escalas nacionais e internacionais.

Em certo sentido, as próprias organizações presentes no evento são prisioneiras da agenda dos países receptores. Por exemplo, a agenda sobre a bi-nacionalidade foi bastante evocada na ocasião e visava obter o direito de voto em eleições locais para os migrantes. Embora se possa dizer que há aqui uma vontade em tornar a noção de cidadania mais ampla, incorporando imigrantes à cena política, a vinculação desta cidadania aos quadros de referência do Estado-Nação não deixam dúvidas sobre as limitações das demandas internacionalistas dos organizadores do evento.

Isso apareceria também em outros pontos vistos como desafios, como por exemplo não se deixar apropriar pelas lógicas político-partidárias de alguns atores sociais que apoiavam o encontro (o caso mais visível foi a presença do governador do estado mexicano de Michoacán, Lázaro Cardenas Batel, o qual financiou uma parte dos custos; mas além dele outros políticos mexicanos se fizeram presentes, talvez para angariar a simpatia dos votos de mexicanos vivendo no exterior).

Para alguns críticos dessa proximidade, compreendia-se que os organizadores do encontro pretendessem atrair atores políticos para suas propostas, como uma forma de garantir que elas possam ganhar amplitude prática. Contudo, o risco também era que isso não apenas tornasse-se o movimento um apêndice de alguns grupos políticos, como ainda que isso pudesse afastar alguns migrantes com perspectivas diferentes.

Ademais, segundo ouvi alguns militantes dizerem, isso reforçava o caráter mexicano do evento, uma vez que eram mexicanos os políticos presentes. Isso se mostrava também na frequência com que os hinos mexicanos eram cantados, em geral no início de cada mesa redonda ou grupo de trabalho.

Como vimos anteriormente, tudo isso criava um sentimento de exclusão por parte de outros grupos, os quais consideravam essas manifestações como um nacionalismo despropositado em um encontro de migrantes latinoamericanos. Nacionalismo que se explicava pelo fato de que

instâncias governamentais mexicanas estavam apoiando financeiramente o evento e pela forte identidade nacional dos migrantes mexicanos, maioria do congresso.

Da mesma forma, os migrantes africanos presentes sentiram-se pouco a vontade com a falta de perspectiva internacionalista do congresso. Embora fosse focado na situação latinoamericana, esperava-se uma maior abertura para outras realidades migratórias. Isso era percebido não apenas como uma negligência para com as migrações de populações africanas, mas também o fato de que a estratégia adotada pelos organizadores do encontro reforçava os discursos nacionais que, em última análise, reforçavam o papel dos Estados na discussão migratória. Para eles, mais importante que falar em Estados, tinha sentido falar em ancestrais, em tradições orais, em visões de mundo compartilhadas, o que, pelo lado de alguns migrantes latinos, era visto como uma quimera ou algo muito distante do mundo contemporâneo em que o papel dos Estados eram ainda preponderante no ordenamento do mundo social.

Nesse sentido, a luta dos migrantes parece indicar que o que está em questão é se suas demandas por reconhecimento podem levar a posturas de inter-reconhecimento, onde o reconhecimento não seja apenas uma luta para uma identidade negadora de outras identidades. Ou seja, o que está em questão aqui é se o reconhecimento pode ser a base de construção de atores sociais que sejam diversos sob o plano linguístico, étnico, cultural e religioso.

De todo modo, apesar das profundas divergências entre alguns grupos, algo que ficou patente também foi o quanto a demanda por direitos é importante para os migrantes presentes. Demandas por direitos humanos, direitos das mulheres, das crianças, o direito das famílias estarem juntas, direito por um desenvolvimento sustentável, etc. Direitos por reconhecimento da condição de migrante em todos os seus aspectos. O que se traduz no documento aprovado ao final do Encontro, o qual menciona entre as principais reivindicações dos migrantes o respeito aos seus direitos humanos, o direito à livre circulação, a melhores condições de vida, etc. O que mostra que, para os movimentos sociais de migrantes, o maior esforço se volta para a interferência nas políticas dos países que recebem os fluxos migratórios.

Nas páginas que se seguem, tentarei mostrar como nem sempre é isso que ocorre com migrantes. A partir do relato de minha experiência de ter vivido na França nos anos 1990 na condição de migrante, tecerei algumas considerações sobre o que pude observar entre os brasileiros que moravam na França nesse período e, assim, mostrar algumas diferenças entre esse universo e os principais temas discutidos no Encontro de Morélia...

UMA EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO

Antes de mais nada, gostaria de fazer alguns esclarecimentos sobre o que pretendo descrever aqui. Vou falar sobre o processo de organização política dos migrantes brasileiros na França na década de noventa. Antes de mais nada, é bom que se diga que essa organização visava não influenciar a política da França, mas sim a política no Brasil, sobretudo as eleições presidenciais brasileiras. Essa, parece-me ser a experiência política mais importante dos migrantes brasileiros daquele período.

Como muitos de minha geração, havia migrado para a Europa para fugir da crise financeira e política que atingiu o Brasil entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990. A decisão de ir para a França deu-se de forma muito natural, uma vez que era casado com uma cidadã francesa e isso me permitia morar de forma legalizada naquele país.

No período em que permaneci na França, entre 1991 e 1997, participei do grupo que criou uma seção do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade de Lyon, cuja fundação oficial deu-se no ano de 1994.

Este foi um ano de eleições presidenciais no Brasil e, até cerca de três meses antes destas, o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, estava no topo das pesquisas de opinião. Havia um clima de muita esperança entre os militantes petistas tanto no Brasil, com quem mantinha contato regular, como na França. Após a decepção das eleições de 1989, quando o candidato LULA foi batido na eleições por uma pequena margem de votos, parecia que desta vez seria diferente.

Como se sabe, o resultado das eleições deu uma ampla margem de votos ao candidato Fernando Henrique Cardoso, o qual havia implantado poucos meses antes das eleições um plano econômico (Plano Real) para controlar a inflação galopante. Isso, contudo, não significou o fim do grupo de militantes que, em Lyon, buscavam dar visibilidade às propostas e à pauta defendidas pelo PT.

O grupo fora criado por cerca de sete brasileiros que haviam migrado para Lyon no mesmo período (entre fins dos anos 1980 e início dos anos 1990) e que já eram no Brasil apoiadores, quando não membros efetivos, do PT. Para oficializar a criação desta seção, entramos em contato com os representantes do PT no Brasil e em Paris, que nos disseram o que precisava ser feito (registrar-nos no consulado brasileiro em Paris, preencher um formulário de inscrição do partido e pagar uma taxa de registro).

Assim fizemos, e criamos oficialmente uma seção do partido. Na França, neste momento,

somente em Paris e Marselha existiam organizações semelhantes. A de Paris era a que contava com o maior número de militantes e a de maior visibilidade, certamente em virtude do fato de Paris ser a capital. Sabíamos, também, que havia outras seções em outros países da Europa, a exemplo de Lisboa, Londres, Madrid e Barcelona.

Como disse anteriormente, o que motivou este processo foi o desejo de interferir no processo político do Brasil, sobretudo em momentos simbolicamente importantes, como no caso das eleições presidenciais, por exemplo. Neste sentido, organizávamos reuniões com outros brasileiros para que eles se inscrevessem no consulado e, assim, pudessem votar nessas eleições. Organizávamos também atividades para arrecadar fundos com o fim de enviar esses recursos para o partido no Brasil.

Além disso, participávamos de ações para chamar a atenção da sociedade francesa para os problemas sociais brasileiros (envolvendo reuniões com associações francesas, artigos em jornais, etc.).

Uma vez passada as eleições, começamos a organizar ações destinadas a apoiar os movimentos sociais brasileiros. Sobretudo com relação ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), através da publicização das lutas pela reforma agrária no Brasil. Assim, organizamos exposições de fotografias, seminários e conferências sobre esta questão.

Lembro-me que conseguimos mesmo entregar um manifesto ao Presidente da República, em visita à França, no início de 1996. Isso se deu após o massacre de Eldorado do Pará, no qual a polícia assassinou 19 trabalhadores sem terra, o que ganhou uma grande cobertura midiática internacional. No manifesto, denunciávamos o que estava ocorrendo no campo brasileiro, ao tempo em que cobrávamos do governo atitudes mais duras para mudar essa situação.

Tudo isso nos faz pensar sobre o que a experiência dos imigrantes brasileiros aqui descrita pode nos dizer sobre a migração no mundo. Os imigrantes são prisioneiros de duas perspectivas existenciais: de um lado, precisam adequar-se a uma nova sociedade que muitas vezes quando não os rejeita ou ignora-os, pedem-lhes que neguem alguns aspectos de suas origens; por outro lado, há um sentimento ambíguo com relação à sociedade de origem, criticada por suas dificuldades em permitir boas condições de vida a todos os cidadãos e ao mesmo tempo idealizada pela distância e que gera aquilo que os lusófonos chamam de saudade. Entre esses dois mundos, os migrantes são muitas vezes obrigados a criar uma terceira margem, uma perspectiva nova e diferente do que já existia.

Os imigrantes brasileiros de Lyon não eram diferentes de outros imigrantes nesse sentido.

Neles, estava presente a mesma vontade de melhorar de vida para um dia voltar à terra natal, por mais incerto e improvável que fosse esse retorno. Letícia Calderón em textos acerca do militância dos imigrantes brasileiros (Calderón Chelius, 2002, 2003, 2006, 2007a e 2007b) insiste no fato de que os brasileiros são capazes de mobilizar-se de forma bastante engajada durante os períodos eleitorais no Brasil. O que seria diferente do que acontece com outros imigrantes, sobretudo quando comparados aos latinos nos Estados Unidos, grupo que ela estuda com mais frequência. Embora os militantes migrantes brasileiros sejam poucos em número, eles conseguiram nos anos 1990 e 2000 um relativo protagonismo na publicização das especificidades da sociedade brasileira no exterior.

Creio que ela tem razão em chamar atenção para esse fato. Nesse sentido, parece-me que podemos identificar ao menos dois projetos distintos entre os imigrantes brasileiros. O primeiro, de inserção nas lutas políticas brasileiras, seja participando nas eleições, seja pela criação de seções de partidos políticos brasileiros ou, mesmo, externando o apoio a grupos populares no Brasil (como no caso do MST). Para esses ativistas, a ideia de um retorno ao Brasil passava pela possibilidade de transformar a sociedade brasileira, mudanças nas relações sociais e criando as condições para o desenvolvimento econômico. Para estes, portanto, a participação política aparece como uma estratégia pertinente.

Isso não era novo para eles. Como ocorria em minha própria experiência, a maioria dos militantes brasileiros no exterior que conheci não começaram a fazer política fora do Brasil. De forma direta ou indireta eles já eram pessoas politizadas no Brasil, tendo redes de relações que poderiam permitir algum tipo de militância no exterior. Talvez possamos explicar isso pelo fato da migração brasileira ser muito recente e ter tocado também a jovens de classe média em um período de grande politização da sociedade brasileira, a qual passava por um processo de redemocratização e de forte mobilização dos movimentos sociais. Assim, entre os jovens migrantes, muitos já haviam participado de atividades políticas no Brasil.

Por outro lado, os brasileiros também contavam com uma certa simpatia de setores dos países de acolhimento, tanto porque em alguns desses países havia uma imagem idealizada e favorável do Brasil, quanto porque o PT naquela época aparecia internacionalmente como o único partido de esquerda com propostas de mudanças estruturais na sociedade brasileira.

Isso, na França foi muito importante para nós, uma vez que podíamos contar com o apoio de muitas associações e de partidos de esquerda franceses. O que nos dava uma maior visibilidade apesar de nosso peso numérico reduzido. Uma prova dessa simpatia era o fato de que alguns

cidadãos franceses participavam de nossas reuniões e apoiaram a ideia de termos uma seção do PT em Lyon.

Contudo, essa opção militante não era a única entre os migrantes brasileiros. Outros, mais numerosos certamente, viam como principal estratégia para um possível retorno a inserção no mercado formal de trabalho e, assim, a possibilidade de acumular recursos financeiros suficientes para a volta. Ou seja, para esse grupo, um possível retorno passava antes por uma estratégia de enriquecimento pessoal.

Eu encontrava essas pessoas somente em festas organizadas por algumas associações culturais brasileiras. Muitos deles viviam da cultura brasileira (músicos de MPB, dançarinas de samba, capoeiristas, etc.). Nesse caso, o vínculo com o país de origem se dava mais pela via da identificação cultural que por um projeto de mudança política. Para eles, a resposta para a situação que gerou o exílio passava por respostas individuais e não coletivas, o que não significava uma renúncia à cultura ou à identidade nacional.

Esses dois modos de viver o exílio e a experiência migratória não eram contraditórios nem excludentes. Alguns transitavam entre essas duas perspectivas, sem que isso significasse necessariamente o abandono completo da perspectiva oposta. A classificação que estou propondo aqui tem mais um caráter heurístico e típico ideal que uma definição rígida e exclusiva das práticas dos migrantes brasileiros de Lyon a essa época. Na verdade, pode-se mesmo dizer que todos que migraram buscavam melhores condições de vida, mas que isso não impedia alguns de continuar a militância política.

Além disso, pode-se afirmar ainda que essas duas posturas tinham força também entre os brasileiros que não deixaram o país. O que significa dizer que o que estava acontecendo na comunidade brasileira na França não era independente do que se passava no Brasil. Por mais que busquem uma integração perfeita na sociedade de acolhimento, os migrantes nunca rompem completamente seus laços com sua sociedade de origem. Ainda mais em uma época em que as comunicações virtuais se tornaram acessíveis a um grande número de pessoas (Appadurai, 1996).

Lembremos ainda que a mobilização política dos brasileiros no exterior procurava, sobretudo, chamar a atenção da opinião pública internacional e brasileira para algumas questões relevantes. Para isso, as ações espetaculares eram os principais meios de ação. Lembro-me, por exemplo, de uma visita à França do presidente Fernando Henrique Cardoso em que militantes do PT em Paris decidiram fazer um protesto contra a falta de política de reforma agrária do governo e para isso descarregaram um caminhão cheio de terra na Avenida dos Champs Elisées, uma das

regiões mais chiques e turísticas de Paris. O que se explica pelo fato de que era a ocupação do espaço público midiático que nos interessava. Como estávamos em um país de grande visibilidade na mídia brasileira, o mais importante para nós era atuar para influenciar a opinião pública brasileira.

A este respeito, os militantes podiam beneficiar-se das mudanças que o fenômeno da migração provocou no imaginário do país (o qual se construiu como um país de imigração e não de emigração, o que se tornou realidade a partir dos anos 1980), fato que deu visibilidade aos brasileiros no exterior. Ou seja, os brasileiros migrantes eram frutos e partícipes de uma mudança importante na maneira como os brasileiros (de dentro e de fora do país) se viam.

Mas, ao menos entre alguns migrantes na França, havia uma ambigüidade no reconhecimento dessa realidade. O que explica a vontade de interferir de forma concreta nos assuntos políticos da sociedade brasileira. Mas isso tinha como contraponto a não participação em problemas políticos da sociedade de acolhida.

Na França, de todo modo, poucas vezes os militantes participaram de mobilizações em torno de problemas concernentes à sua situação no novo país de morada. Era uma forma de cidadania à distância, sem maiores vínculos com a política da sociedade circundante.

Após meu retorno ao Brasil, em fins da década de 1990, tive pouco acesso ao que se passava na comunidade brasileira em Lyon. Um certo número de militantes que faziam parte do grupo que criou a seção local do PT também regressou (alguns com idas e vindas, é verdade) e essa seção foi extinta. Com a chegada ao poder em 2002, o PT passou a ser governo e uma certa decepção pode ser sentida entre os militantes mais radicalizados, tornando a participação nesse partido menos consensual que no período anterior. Nesse sentido, creio que a migração brasileira após os anos 2000 se tornou mais próxima do modelo de outros grupos de migrantes.

Mas não sei se o tipo de ação que se pode observar entre os latinos nos Estados Unidos seria possível no caso dos brasileiros na França. Não apenas porque os brasileiros não são tão numerosos quanto os latinos nos EUA, quanto pelo fato de que na França o debate sobre a migração gira em torno dos migrantes mulçumanos, o que não favorece a criação de solidariedades em torno da identidade de migrante.

A GUIA DE CONCLUSÃO

O que nessas duas descrições etnográficas pode nos ajudar a entender o fenômeno

migratório no mundo contemporâneo? Creio que uma das principais conclusões que podemos tirar dessas duas situações aqui descritas é sobre a pluralidade de experiências migrantes. Experiências que se traduzem em posições diferentes em termos de negociação da situação migrante. Isso era visível tanto entre os latinoamericanos durante o Encontro de Morélia, quanto entre os brasileiros que habitavam a cidade de Lyon.

Além disso, os países receptores dos migrantes têm histórias e modos diferentes de lidar com o fenômeno migratório, indo desde a perspectiva multicultural de algumas nações (Canadá, Austrália, etc.) a posturas xenófobas e discriminatórias de alguns governos. Essa diversidade de posturas governamentais influencia, certamente, o modo como os migrantes se constroem e as estratégias que eles desenvolvem em suas existências.

Por fim, essas duas situações nos mostram que apesar dessa diversidade há elementos comuns que podem gerar projetos e identidades aglutinadoras dessas várias experiências migrantes. As iniciativas do Encontro de Morélia, dos Fóruns Mundiais de Migração, etc. mostram que, embora não possamos abordar essa possibilidade de uma maneira determinista, ela é algo que poderá vir a ser um elemento para transformar a maneira hegemônica de se abordar a questão migratória em nossa época, quando mais e mais iniciativas anti migratórias e xenófobas se tornam a pedra de toque da política em diferentes países do Norte Global.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalisation*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- APPIAH, K. A. *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. New York: W. W. Norton, 2007.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENHABIB, S. *Another cosmopolitanism*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CALDERÓN CHELIUS, L.; MARTÍNEZ SALDAÑA, J. *La dimensión política de la migración mexicana*. México: Instituto Mora, 2002.
- CALDERÓN CHELIUS, L. (coord.). *Votar en la distancia: la extensión de los derechos políticos a migrantes. Experiencias comparadas*. México: Instituto Mora, 2003.
- CALDERÓN CHELIUS, L. *El estudio de la dimensión política dentro del proceso migratorio. Sociológica*, Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, v. 21, n. 60, p. 41–74, jan./abr. 2006.
- CALDERÓN CHELIUS, L. Redefiniendo la geografía política nacional: sobre la participación

- política de los ciudadanos brasileños en el exterior. In: MALHEIROS, J. (ed.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comisionado para la Migración y Minorías Étnicas, 2007a. p. 205–216.
- CALDERÓN CHELIUS, L. Brazil: compulsory voting and renewed interest among external voters. In: *Voting from abroad: the International IDEA handbook*. Stockholm: International IDEA; Instituto Federal Electoral, 2007b. p. 128–131.
- FRESIA, M. The making of global consensus: constructing norms on refugee protection at UNHCR. In: MÜLLER, B. (org.). *The gloss of harmony: the politics of policy-making in multilateral organisations*. London: Pluto Press, 2013. p. 50–74.
- HABERMAS, J. *A constelação pós-nacional*. São Paulo: Littera Mundi, 2001.
- HELD, D. *Cosmopolitanism: ideals and realities*. Cambridge: Polity Press, 2010.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- LIPSHUTZ, R. D. Global civil society and global governmentality: or, the search for politics and the state amidst the capillaries of social power. In: BARNETT, M.; DUVALL, R. (eds.). *Power in global governance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 229–248.
- MÜLLER, B. The loss of harmony: FAO guidance for food security in Nicaragua. In: MÜLLER, B. (org.). *The gloss of harmony: the politics of policy-making in multilateral organisations*. London: Pluto Press, 2007. p. 202–226.
- SIMMEL, G. *Questões fundamentais de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.